

EDITORS

Adelinda Candeias (Coord.),
António Portelada, Catarina
Vaz Velho, Edgar Galindo,
Heldemerina Pires, Liberata
Borrvalho, Luísa Grácio, Nuno
Costa, Konrad Reschke, &
Evelin Witruk.

Multiple Approaches to the Study and Intervention in

STRESS

Proceedings of the
International Seminar

29 September, 2018
Évora | Portugal

EDITORS

Adelinda Candeias (Coord.), António Portelada, Catarina Vaz Velho, Edgar Galindo, Heldemerina Pires, Liberata Borralho, Luísa Grácio, Nuno Costa, Konrad Reschke, & Evelin Witruk.

Multiple Approaches to the Study and Intervention in Stress

Proceedings of the

**International Seminar: Multiple Approaches to the
Study and Intervention in Stress**

29th September, 2018

Évora | Portugal

Bibliographic information published by the Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL)
Portuguese Association of Publishers and Booksellers

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia,
I.P.



Multiple Approaches to the Study and Intervention in Stress

Proceedings of the International Seminar: Multiple Approaches to the Study and Intervention in Stress
(29th.September, 2018 | Évora, Portugal)

Copyright by the Authors © 2018

All Rights Reserved. No part of this book may be reproduced or utilized in any form or by any means,
electronic or mechanical, including photocopying, recording, or by any information storage and retrieval
system, without permission in writing from the editors.

Printed in Portugal in 2018

Editors:

Adelinda Candeias (Coord.), António Portelada, Catarina Vaz Velho, Edgar Galindo, Heldemerina Pires,
Liberata Borralho, Luísa Grácio, Nuno Costa, Konrad Reschke, & Evelin Witruk.

ISBN: 978-989-8550-67-5

CONTENTS

- 5 Foreword**
- 7 Key contributions from the Leipzig University's Institute of Psychology for research about stress and trauma**
Konrad Reschke
University of Leipzig
- 17 Assédio no trabalho, stress e burnout nos professores**
António Portelada, Adelinda Candeias, Ana João
Universidade de Évora, ARS Lisboa e Vale do Tejo, ACES Lezíria
- 30 Interoceptividade e consciência corporal na resposta ao stress**
José Marmeleira, Guida Veiga
Universidade de Évora
- 44 Assédio no trabalho e stress na profissão de enfermagem**
Ana João, Adelinda Candeias, António Portelada
ARS Lisboa e Vale do Tejo, ACES Lezíria, Universidade Évora
- 52 Regulação Emocional: Contributos das Técnicas de Relaxação**
Guida Veiga, José Marmeleira
Universidade de Évora
- 67 Vinculação e Desajustamento Emocional em Adolescentes**
Raquel Domingues, Maria João Carapeto, Guida Veiga
Universidade de Évora
- 79 Interrelation of psychophysiological indices of chronic stress with personal particularities of students**
Tapalova Olga, Besbayeva B., Zhiyenbayeva N., Uspanov Zh. T.
Kazakh Academy of Labor and Social Relations
- 91 Evaluación de la salud docente: Marco teórico y estudio empírico**
Victoria Puig, Ander Luser, Jordi Mayayo
Universidade Ramon Llull, Universidade Barcelona

Vinculação e Desajustamento Emocional em Adolescentes

Raquel Domingos; Guida Veiga/ Departamento de Desporto e Saúde, Escola de Ciências e Tecnologias, Universidade de Évora – raquel_domingos@hotmail.com

Maria João Carapeto/ Departamento de Psicologia, Escola de Ciências Sociais, Universidade de Évora

Resumo

Recentemente alguma literatura tem chamado a atenção para a relevância da vinculação e seu papel no ajustamento emocional na adolescência. Neste período, os jovens defrontam diversas mudanças desenvolvimentais, incluindo a importância crescente das relações com pares. Os mecanismos adaptativos dos adolescentes são, pois, desafiados, ao mesmo tempo que procuram dar passos na construção da sua autonomia. Há algum consenso quanto ao aumento de sintomas internalizados na adolescência, especialmente no sexo feminino. Por outro lado, a investigação tem sido pouco conclusiva quanto a diferenças de género na vinculação. Assim, os objetivos deste estudo são examinar (a) as diferenças de género na vinculação e no ajustamento emocional, designadamente na consciência emocional e nos níveis de sintomas internalizados; e (b) as relações entre vinculação e ajustamento emocional; na adolescência. Utilizaram-se três questionários na recolha de dados sobre comportamentos de vinculação, consciência emocional e sintomas internalizados (depressão, ansiedade e stress), numa amostra de alunos do 3º Ciclo do Ensino Básico de três escolas do Alentejo, Portugal. Os resultados são discutidos à luz da teoria e investigação existente, e são assinaladas algumas implicações para a investigação e intervenção.

Palavras-chave

ajustamento emocional, vinculação, adolescência.

Attachment and emotional maladjustment in adolescents

Abstract

Recently, some literature has drawn attention to the relevance of attachment and its role in emotional adjustment in adolescence. During this period, young people face

several developmental changes, including the growing importance of relationships with peers. Their adaptive mechanisms are therefore challenged, while they take steps towards the construction of autonomy. There is some consensus regarding the increase of internalized symptoms in adolescence, especially in girls. On the other hand, research has been inconclusive regarding gender differences concerning attachment. Thus, the objectives of this study are to examine (a) gender differences in attachment and emotional adjustment, namely emotional awareness and internalized symptoms; and (b) the relationships between attachment and emotional adjustment; in adolescence. Three questionnaires were used to collect data on attachment behaviors, emotional awareness and severity of internalized symptoms (depression, anxiety, and stress), in a sample of students attending the 3rd Cycle of Basic Education in three schools in the region of Alentejo, Portugal. The results are discussed considering the existing theory and research, and some implications for research and intervention are highlighted.

Keywords

emotional adjustment, attachment, adolescence.

Introdução

Recentemente alguma literatura tem vindo a chamar a atenção para a relevância da vinculação e do seu papel no ajustamento emocional na adolescência (e.g., Allen & Manning, 2007; Parrigon, Kerns, Abtahi & Koehn, 2015). A teoria da vinculação (Bowlby, 1969) propõe que a construção das relações de vinculação é muito mais que a construção dessas relações sociais especiais capazes de proporcionar segurança e de conforto à criança. Enquanto se constrói esta relação social, que é também uma relação afetiva, a criança vai desenvolvendo a (auto-)regulação emocional nas suas interações com o mundo e vai construindo modelos internos dinâmicos, que são representações sobre os outros e o que pode esperar deles, sobre si mesmo/a e o seu próprio valor, ou sobre como se comportar na relação com outros. Tem-se defendido também que estes modelos internos perduram ao longo da vida (Soares, 2007), que a adolescência é um período importante na sua reorganização (Jongenelen, Carvalho, Mendes & Soares, 2007) e que nesta etapa da vida o sistema comportamental de vinculação evolui para uma espécie de sistema de regulação emocional em contexto social (Allen & Manning, 2007).

Ora, neste período da vida, os jovens defrontam-se com diversas mudanças desenvolvimentais (Papalia & Feldman, 2013), incluindo a crescente importância das

relações com pares (Brown & Larson, 2009), a individuação (Bloss, 1979) e a formação da identidade (Erikson, 1968), bem como a construção da autonomia (Soenens, Vansteenkiste, Van Petegem, Beyers, & Ryan, 2018). Os mecanismos adaptativos dos adolescentes são, pois, desafiados por todas essas mudanças, ao mesmo tempo que procuram dar passos em direção autonomia, proporcionando-se assim a ocorrência de desajustamento psicológico transitório. Em consonância, a investigação dá conta de um acréscimo de sintomatologia internalizada na adolescência, que se verifica especialmente nas raparigas (Zahn-Waxler, Shirtcliff, & Marceau, 2008), mas também sugere avanços nas competências emocionais, quer ao nível do processo de consciência emocional (Van der Veek, Nobel, & Derkx, 2012) quer da própria regulação das emoções (Gilbert, 2012; Silk, Steinberg, & Morris, 2003; Soares, 2007).

Assinalando a escassez de estudos sobre a relação entre vinculação e competências emocionais em crianças e adolescentes, a revisão de literatura de Parrigon e colegas (2015) conclui que os adolescentes com vinculação segura apresentam uma melhor capacidade de reconhecer e identificar as emoções (i.e., consciência emocional) e de utilizar estratégias de *coping* (i.e., regulação emocional), do que os adolescentes com vinculação insegura. Os autores identificam também a vinculação insegura como um fator de risco para o desenvolvimento de problemas de internalização, como a ansiedade e a depressão.

Apesar do consenso já referido a propósito do incremento de problemas internalizados na adolescência nas raparigas, a investigação tem sido inconclusiva quanto a diferenças de género na vinculação (e.g., Carvalho, 2007; Szalai, Czeglédi, Vargha & Grezsa, 2017) e é escassa quanto a estas diferenças na consciência emocional (Rieffe, Oosterveld, Miers, Meerum Terwogt, & Ly, 2008). Por outro lado, a relação da vinculação com o ajustamento emocional tem sido pouco estudada (Parrigon et al., 2015).

1. Objetivos

Os objetivos do estudo são examinar (a) diferenças de género na vinculação e no ajustamento emocional, designadamente na consciência emocional e nos níveis de sintomas internalizados; e (b) as relações entre vinculação e ajustamento emocional; na adolescência.

2. Método

O estudo apresenta um plano transversal, com base numa investigação quantitativa e correlacional.

2.1 Participantes

A amostra total é constituída por 206 participantes, 94 (45.6%) do género masculino e 112 (54.4%) do género feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M = 13.53$ e $DP = 1.16$), que frequentavam 3 escolas públicas do 3º ciclo do ensino básico no Alentejo. Relativamente ao ano de escolaridade, 82 (39.8%) participantes frequentam o 7º ano, 53 (25.7%) participantes o 8º ano e 71 (34.5%) participantes o 9º ano. Quanto às habilitações literárias, 29.2% referem que o pai possui o 1º, 2º e/ou 3º ciclo do ensino básico; 28.2% indicam que os pais têm o ensino secundário e 32.0% que os pais possuem habilitações académicas do ensino superior. Verificou-se que 13.7% dos participantes têm mães com o 1º, 2º e/ou 3º ciclo do ensino básico, 32.5% com o ensino secundário e 43.7% com habilitações académicas do ensino superior.

2.2 Variáveis e Instrumentos

A amostra foi caracterizada a partir de um questionário sociodemográfico construído com o objetivo de recolher informações relevantes da amostra (e.g., sexo, idade, ano de escolaridade, habilitações literárias dos pais, constituição do agregado familiar).

Vinculação

As dimensões da vinculação (vinculação segura, vinculação insegura-ansiosa/ambivalente e vinculação insegura-evitante) foram avaliadas através do Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA; Carvalho, 2007), composto por 24 itens avaliados numa escala de Likert entre 1 (Nunca) e 5 (Sempre). Para cada dimensão, i.e., vinculação segura (VS), vinculação ansiosa/ambivalente (VAA) e vinculação evitante (VE), é calculado o somatório das respostas dos respetivos itens, podendo variar entre 8 e 40. Os resultados mais elevados refletem uma maior frequência dos comportamentos e representações da vinculação avaliados em cada dimensão (Carvalho, 2007).

Ajustamento emocional

A consciência emocional foi avaliada através da versão portuguesa (Veiga, Oosterveld, Fernandes, & Rieffe) do *Questionário de Consciência Emocional* (QCE;

Rieffe, Oosterveld, Miers, Meerum-Terwogt, & Ly, 2008), um questionário de autorrelato, composto por 30 itens, que numa escala de 1 (Não é verdade) a 3 (Muitas vezes verdade) avaliam a consciência emocional através das dimensões de diferenciação das emoções (Dif), partilha verbal das emoções (PartV), não esconder as emoções (NEsc), consciência corporal das emoções (CCorp), atender às emoções dos outros (AOutr) e análise das próprias emoções (AnPE). O processo de cotação é realizado com base na média dos itens de cada escala, sendo que, a obtenção de uma pontuação mais alta corresponde a uma melhor consciência emocional (Veiga, Oosterveld, Fernandes, & Rieffe, 2017).

Os problemas internalizados foram avaliados através da versão portuguesa (Leal, Antunes, Passos, Pais-Ribeiro, & Maroco, 2009) da *Escala de Depressão, Ansiedade e Stress* (EDAS; Lovibond & Lovibond, 1995), constituída por 21 itens avaliados numa escala de de 0 (Não se aplicou nada a mim) a 3 (Aplicou-se a mim a maior parte das vezes) que se encontram distribuídos por 3 dimensões: depressão (Dep), ansiedade (Ans) e stress (Str). Cada dimensão é pontuada através do somatório das respostas dos respetivos itens, variadno entre 0 e 21. Os resultados mais altos estão associados a estados afetivos mais negativos (Leal, Antunes, Passos, Pais-Ribeiro, & Maroco, 2009).

2.3 Procedimento

O projeto de investigação foi aprovado pelo Concelho Científico da Escola de Ciências e Tecnologia e pela Comissão de Ética da Universidade de Évora. Foi solicitada e concedida a autorização do Ministério da Educação para se proceder à aplicação do estudo em escolas públicas e depois estabelecido o contacto com a direção de 3 escolas públicas da região do Alentejo, as quais aceitaram que a recolha de dados se realizasse junto dos seus alunos. Foi solicitado o consentimento informado aos encarregados de educação e aos adolescentes.

A análise estatística realizou-se com base no programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Fez-se o estudo da distribuição das variáveis da vinculação e do ajustamento emocional (i.e., consciência emocional e sintomas internalizados), para a amostra total e por género. Foi realizada a análise descritiva das variáveis, na amostra total e por género e realizaram-se testes *t* para amostras independentes para comparar as médias por género. Procedeu-se ao cálculo das correlações (*r*ó de Spearman) entre vinculação e (a) consciência emocional; (b) sintomas internalizados.

3. Resultados e suas implicações teórico-práticas

Os resultados na tabela 1 mostram diferenças significativas entre rapazes e raparigas ao nível da vinculação e ao nível da consciência emocional. Especificamente, as raparigas reportam valores mais elevados na vinculação ansiosa/ambivalente, bem como apresentam maior consciência corporal das emoções e maior capacidade de atender às emoções dos outros. Por sua vez, os rapazes apresentam uma maior capacidade de diferenciação das emoções do que as raparigas. Salienta-se contudo, que não se identificaram diferenças de género significativas na vinculação segura e na evitante, e em diversas competências de consciência emocional (partilha verbal das emoções, não esconder as emoções e análise das próprias emoções), bem como nos sintomas internalizados (depressão, ansiedade e stress).

Os níveis mais altos de vinculação ansiosa/ambivalente nas raparigas vão no sentido do estudo de Szalai e colaboradores (2017), sugerindo que as raparigas evidenciam níveis mais elevados de preocupação e apreensão com as relações com os outros, o que é consistente, por exemplo, com a maior dificuldade das adolescentes portuguesas em falar com o pai ou com a mãe sobre as suas preocupações (e.g., Inchley, et al., 2016), ou com a maior prevalência de acontecimentos negativos interpessoais nas raparigas do que nos rapazes (e.g., Hankin & Abramson, 2001). É importante notar que, com o mesmo instrumento utilizado no presente estudo, Carvalho (2007) não encontrou diferenças de género significativas em nenhuma das dimensões da vinculação.

Tabela 1

Estatísticas descritivas (média ± desvio padrão) da vinculação (IVIA), da consciência emocional (QCE) e dos sintomas internalizados (EDAS) por gênero, e estatísticas do teste t.

	Masculino	Feminino	Total	<i>t</i>	<i>g.l.</i>	<i>p</i>
IVIA						
VS	33.06 ± 4.72	33.65 ± 4.11	33.38 ± 4.40	-.955	204	.341
VAA	19.22 ± 7.09	22.12 ± 8.44	20.80 ± 7.97	-2.674	204	.008
VE	23.85 ± 5.84	24.22 ± 4.92	24.05 ± 5.35	-.496	204	.620
QCE						
Dif	2.24 ± 0.44	2.07 ± 0.43	2.15 ± 0.44	2.780	204	.006
PartV	2.03 ± 0.56	1.99 ± 0.53	2.01 ± 0.54	.468	204	.640
NEsc	1.94 ± 0.44	1.94 ± 0.49	1.94 ± 0.47	-.072	204	.942
CCorp	1.97 ± 0.56	1.79 ± 0.50	1.87 ± 0.54	2.380	204	.018
AOutr	2.59 ± 0.38	2.77 ± 0.28	2.69 ± 0.34	-3.746	169.55	.000
AnPE	2.38 ± 0.46	2.47 ± 0.39	2.43 ± 0.42	-1.470	204	.143
EDAS						
Dep	4.85 ± 4.93	5.38 ± 5.01	5.14 ± 4.97	-.766	204	.445
Ans	4.26 ± 4.40	3.77 ± 4.38	3.99 ± 4.39	.794	204	.428
Str	5.19 ± 4.72	5.53 ± 4.79	5.37 ± 4.75	-.504	204	.615

Nota: IVIA – Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência; VS – Vinculação Segura; VAA – Vinculação Ansiosa/Ambivalente; VE – Vinculação Evitante; QCE – Questionário de Consciência Emocional; Dif – Diferenciação das Emoções; PartV – Partilha Verbal das Emoções; NEsc – Não Esconder as Emoções; CCorp – Consciência Corporal das Emoções; AOutr – Atender às Emoções dos Outros; AnPE – Análise das Próprias Emoções; EDAS – Escala de Depressão, Ansiedade e Stress; Dep – Depressão; Ans – Ansiedade; Str – Stress.

Relativamente à consciência emocional, globalmente os resultados do presente estudo vão no mesmo sentido dos de Van de Veek et al. (2012). Em ambos os estudos as raparigas apresentam uma menor competência na diferenciação das emoções e melhores capacidades de atender às emoções dos outros e de consciência corporal das emoções, não se distinguindo dos rapazes ao nível da partilha verbal das emoções. Em contrapartida, na amostra holandesa as competências de não esconder emoções e de analisar as próprias emoções apresentam diferenças de gênero (a primeira mais elevada nos rapazes e a segunda nas raparigas). As diferenças observadas entre os resultados dos dois estudos podem dever-se à diferente amplitude de idades dos participantes dos dois estudos (o de Van der Veek e colegas apresenta um intervalo mais alargado, entre os 7 e os 18 anos de idade), considerando que estas competências melhoram com a idade (exceto não esconder emoções; Van der Veek et al., 2012). Contudo, será também importante

considerar as possíveis diferenças nos contextos socioculturais dos dois países. A influência da idade e dos contextos socioculturais em que ocorre o desenvolvimento das competências emocionais, entre outros, merece investigação futura, assim como o papel do género. Salienta-se, por exemplo, o nível académico superior dos encarregados de educação dos participantes que é mais frequente que na população portuguesa em geral (INE, Pordata, 2018). Interessante seria também explorar em investigação futura o resultado surpreendente dos dois estudos que mostra os rapazes com maior competência que as raparigas ao nível da diferenciação das emoções.

Finalmente, merece sem dúvida investigação a ausência de diferenças de género na sintomatologia internalizada, quando a literatura documenta sintomatologia internalizada com níveis mais elevados nas raparigas do que nos rapazes adolescentes (e.g., Zahn-Waxler et al., 2008). As idades dos participantes podem ajudar a compreender o resultado, já que as diferenças poderão ser maiores na segunda metade da adolescência, uma faixa etária que não está representada neste estudo. Além disso, pode dever-se também uma menor sensibilidade do EDAS às dimensões da sintomatologia que habitualmente diferenciam os género quando outras escalas de sintomas são utilizadas (e.g., ver resultados de Carvalho, Cunha, Cherpe, Galhardo, & Couto, 2015).

Tabela 2

Correlações (Ró de Spearman) entre a vinculação (IVIA) e a consciência emocional (QCE)

	QCE					
	Dif	PartV	NEsc	CCorp.	AOutr	AnPE
IVIA						
VS	.008	.191**	.229**	-.156*	.355**	.256**
VAA	-.424**	-.313**	-.069	-.400**	-.006	.118
VE	-.217**	-.353**	-.316**	-.123	-.033	.086

Nota: * $p < .05$ ** $p < .01$

Nota. IVIA – Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência; VS– Vinculação Segura; VAA – Vinculação Ansiosa/Ambivalente; VE – Vinculação Evitante; QCE – Questionário de Consciência Emocional; Dif– Diferenciação das Emoções; PartV – Partilha Verbal das Emoções; NEsc – Não Esconder as Emoções; CCorp.- Consciência Corporal das Emoções; AOutr – Atender às Emoções dos Outros; AnPE – Análise das Próprias Emoções.

Por fim, as tabelas 2 e 3 sugerem que, de um modo geral, a vinculação segura se associou a um melhor ajustamento emocional, enquanto, que os dois tipos de vinculação insegura se associaram a pior ajustamento emocional.

Obtiveram-se correlações positivas e significativas entre a vinculação segura e a generalidade das escalas da consciência emocional – partilha verbal das emoções, não esconder as emoções, atender às emoções dos outros e a análise das próprias emoções. A correlação negativa e significativa com a escala da consciência corporal das emoções vai no mesmo sentido. Os resultados sugerem assim que quanto mais elevado o índice de vinculação segura, melhores se revelam estas competências de consciência emocional e que só a diferenciação das emoções não aparece associada à vinculação segura.

Por outro lado, ambas as vinculações inseguras se correlacionaram negativa e significativamente com a diferenciação das emoções e a partilha verbal das emoções, de tal forma que, quanto mais insegura a vinculação, menor a competência nestas duas dimensões da consciência emocional. A vinculação ansiosa/ambivalente também se correlacionou negativamente com a consciência corporal das emoções, no sentido de que quanto mais ansiosa/ambivalente for a vinculação, melhor esta competência – tal como se verificou com a vinculação segura, mas com uma correlação ainda mais forte. Por seu turno, a vinculação evitante correlacionou-se também negativamente com a dimensão de não esconder emoções, sugerindo que quanto mais evitante a vinculação, mais os adolescentes escondem as emoções.

Tabela 3

Correlações entre a vinculação (IVIA) e os sintomas internalizados (EDAS)

	Dep	EDAS	
		Ans	Str
IVIA			
VS	-.238**	-.209**	-.147*
VAA	.479**	.382**	.410**
VE	.220**	.278**	.270**

Nota: * $p < .05$ ** $p < .01$

IVIA – Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência; VS– Vinculação Segura; VAA – Vinculação Ansiosa/Ambivalente; VE – Vinculação Evitante; EADS-C – Escala de Depressão, Ansiedade e Stress; Dep – Depressão; Ans – Ansiedade; Str - Stress.

As correlações da vinculação segura com a consciência emocional vão de encontro à literatura existente, que defende que este tipo de vinculação, ao invés da vinculação insegura, está associado a uma melhor compreensão das emoções e a uma maior coerência entre a expressão e a autoperceção das emoções, o que torna os

adolescentes mais conscientes e recetivos às suas próprias emoções (Parrigon et al., 2015). Fica, no entanto, por compreender porque razão a diferenciação das emoções não aparece associada, neste estudo, à vinculação segura, o que justifica investigação futura.

Os resultados da tabela 3 mostram que a vinculação segura está associada negativamente às três subescalas de sintomas internalizados, enquanto ambas as dimensões da vinculação insegura lhe estão associadas positivamente. Estes resultados vão de encontro à literatura existente, que associa a vinculação segura na adolescência a menos problemas de internalização e a vinculação insegura a mais (Allen, Moore, Kuperminc, & Bell, 1998; Brown & Wright, 2003; Rubin et al., 2004).

Algumas implicações podem ser retiradas destes resultados. Ao nível da investigação e da teoria, os resultados, só parcialmente concordantes com a investigação existente, recomendam mais investigação relativamente a diferenças de género na vinculação, na consciência emocional e na sintomatologia internalizada; a utilização de outros instrumentos; atendendo a possíveis diferenças socioculturais no desenho dos ambientes em que adolescentes se desenvolvem e necessitam de se adaptar. Em particular, a ausência de diferenças de género na sintomatologia internalizada merece ser investigada, ou a surpreendente superioridade dos rapazes na diferenciação de emoções, competência que parece não variar de acordo com a segurança da vinculação mas varia com os elementos de ansiedade/ambivalência ou de evitamento nas representações e comportamentos de vinculação dos adolescentes. Também merece atenção a associação da vinculação ansiosa e da segura com a maior consciência corporal das emoções.

Ao nível de implicações para a intervenção psicossocial com adolescentes, os resultados sugerem, em geral, a importância de abordagens diferenciais de acordo com o género, nas intervenções de promoção de competências emocionais ou de reorganização dos modelos internos de vinculação.

Referências bibliográficas

- Allen, J. P., & Manning, N. (2007). From Safety to Affect Regulation: Attachment from the Vantage Point of Adolescence. *New Dir Child Adolesc Dev*, 23-39.
- Allen, J. P., Moore, C. M., Kuperminc, G. P., & Bell, K. L. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 1406-1419.
- Blos, P. (1979). *The adolescent passage*. Madison: International Universities Press.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. New York: Basic Books.

- Brown, B. B., & Larson, J. (2009). Peer relationships in adolescence. In R. M. Lerner and L. D. Steinberg (Eds), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 74-103) Hoboken, NJ: Wiley.
- Brown, L. S., & Wright, J. (2003). The relationship between attachment strategies and psychopathology in adolescence. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 351-367.
- Carvalho, M. A. (2007). *Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação: Implicações nas Perturbações Emocionais e Comportamentais no Início da Adolescência* (Tese de doutoramento). Disponível no Repositório da Universidade d Minho.
- Carvalho, C., Cunha, M., Cherpe, S., Galhardo, A., & Couto, M. (2015). Validação da versão portuguesa da Center for Epidemiologic Studies Depression Scale for Children (CES-DC). *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, 46-57.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Gilbert, K. (2012). The neglected role of positive emotion in adolescent psychopathology. *Clinical Psychology Review*, 467-481.
- Hankin, B., & Abramson, L. (2001). Development of gender differences in depression: An elaborated cognitive vulnerability–transactional stress theory. *Psychological bulletin*.
- Jongenelen, I. C. (2007). Vinculação na Adolescência. Em I. Soares, *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação* (pp. 99-120). Braga: Psiquilibrios.
- Leal, I. P., Antunes, R., Passos, T., Pais-Ribeiro, J., & Maroco, J. (2009). Estudo da Escala de Depressão, Ansiedade e Stress para Crianças (EADS-C). *Psicologia, Saúde & Doenças*, 277-284.
- Lovibond, P., & Lovibond, S. (1995). The structure of negative emotional states: comparison of the depression anxiety stress scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 335-343.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: AMGH.
- Parrigon, K. S., Kerns, K. A., Abtahi, M. M., & Koehn, A. (2015). Attachment and Emotion in Middle Childhood and Adolescence. *Psychological Topics*, 27-50.

- Rieffe, C., Oosterveld, P., Miers, A. C., Terwogt, M. M., & Ly, V. (2008). Emotion awareness and internalising symptoms in children and adolescents: The Emotion Awareness Questionnaire revised. *Personality and Individual Differences, 45*(8), 756-761.
- Rubin, K. H., Dwyer, K. M., Booth, C. L., Kim, A. H., Burgess, K. B., & Rose-Krasnor, L. (2004). Attachment, friendship, and psychosocial functioning in early adolescence. *Journal of Early Adolescence, 326-356*.
- Silk, J. S., Steinberg, L., & Morris, A. S. (2003). Adolescents' emotion regulation in daily life: Links to depressive symptoms and problem behavior. *Child Development, 1869-1880*.
- Soares, I. (2007)^b. *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Soenens, B., Vansteenkiste, M., Van Petegem, S., Beyers, W. & Ryan, R. (2018). How to Solve the Conundrum of Adolescent Autonomy? On the Importance of Distinguishing Between Independence and Volitional Functioning. In B. Soenens, M. Vansteenkiste, & S. Van Petegem, (Eds.), *Autonomy in adolescent development: Towards conceptual clarity* (pp. 1-32). Psychology Press.
- Szalai, T. D., Czeglédi, E., Vargha, A., & Grezsa, F. (2017). Parental Attachment and Body Satisfaction in Adolescents. *Journal of Child and Family Studies, 26*(4), 1007-1017.
- Van der Veek, S. M., Nobel, R. A., & Derkx, H. H. F. (2012). The relationship between emotion awareness and somatic complaints in children and adolescents: Investigating the mediating role of anxiety and depression. *Psychology & health, 27*(11), 1359-1374.
- Veiga, G., Oosterveld, P., Fernandes, J., & Rieffe, C. (2017). Validation of the Portuguese emotion awareness questionnaire for children and adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*. doi: 10.1080/17405629.2017.1344124
- Zahn-Waxler, C., Shirtcliff, E. A., & Marceau, K. (2008). Disorders of childhood and adolescence: Gender and psychopathology. *Annu. Rev. Clin. Psychol., 4*, 275-303.